

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN (PARTE 3 – CONCLUSÃO)
6 de setembro de 2025

STAR WARS: A NEW HOPE / 1977 (*A Guerra das Estrelas*)

um filme de George Lucas

Realização e Argumento: George Lucas / *Direção de fotografia:* Gilbert Taylor / *Supervisão de efeitos especiais ópticos:* John Dykstra / *Efeitos especiais mecânicos:* John Stears / *Efeitos especiais sonoros:* Bem Burtt Jr / *Direção Artística:* John Barry / *Montagem:* Paul Hirsch, Márcia Lucas / *Música:* John Williams / *Intérpretes:* Mark Hamill (Luke Skywalker), Harrison Ford (Han Solo), Carrie Fisher (Princesa Leia), Alec Guinness (Obi-wan Kenobi), Peter Cushing (Grand Moff Tarkin), Anthony Daniels (C-3PO), Kenny Baker (voz de R2B2), Peter Mayhew (Chewbacca), David Prowse (Darth Vader), James Earl Jones (voz de Darth Vader).

Produção: LucasFilm, para a 20th Century Fox / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, versão original legendada em português / *Duração:* 124 minutos / *Estreia Mundial:* 25 de maio de 1977 / *Estreia em Portugal:* Monumental, 6 de dezembro de 1977.

Foi então este o filme que há cinquenta anos mudou o imaginário cinematográfico da juventude. Vê-lo agora na sequência do conhecimento de toda a série, produz um singular efeito. Porque por mais que tenha sido cuidada a forma como a transição de **The Revenge of the Sith** para **A New Hope**, fica a sensação de algo artificial, naquilo que com o episódio de estreia em 1977, surgia como uma maravilhosa incursão no espírito de aventura herdeiro da literatura e do cinema do género, com Lucas celebrando heróis e paisagens conhecidas de filmes como **Flash Gordon** ou **Adventures of Robin Hood**.

Talvez a geração mais nova não se aperceba do fenómeno com a mesma intensidade, mas permanece a sensação de que, mais do que cumprir um sonho ou o projecto inicial, Lucas tenha regressado à série mais motivado por razões económicas. Porque a primeira trilogia, iniciada em 1999, em relação à outra, de que vamos ver o primeiro episódio, distingue-se pelo seu mais transparente artificialismo. Pode ser mais movimentada mas é menos dinâmica. Pode ser mais perfeita em termos de efeitos especiais, mas é-o menos no espírito da aventura, no retrato das personagens, aqui mais humanos onde na outra surgem pouco mais do que como bonecos animados cumprindo a função de títeres num jogo de vídeo. Porque se todos os filmes reflectem, inevitavelmente, esta última característica, na trilogia mais recente a confusão é, praticamente, permanente. Quase esperamos, por vezes, durante alguma das grandes batalhas encenadas, que um movimento de câmara para trás, nos revele o jogador

sentado numa cadeira. Ora isso, apesar de tudo o resto, não afecta a trilogia iniciada com **A New Hope**. Para além do mais esta transformou as suas personagens em verdadeiros ícones e fez dos seus intérpretes figuras popularíssimas entre a juventude, e um deles, Harrison Ford (Han Solo), teve aqui o começo da sua ascensão para o estatuto de grande estrela em que se tornou. Hayden Christensen nunca chegou a essas alturas, e quanto a Ewan McGregor, este actor britânico era já uma estrela feita como foi escolhido para o papel de Obi-wan Kenobi.

Stars Wars: A New Hope foi, até à chegada de **E.T.-The Extraterrestrial/O Extraterrestre**, de Steven Spielberg, o grande campeão de bilheteira da história do cinema, tendo conquistado também seis Oscars da Academia de Hollywood (quase todos, naturalmente, contemplando as características técnicas e inovadoras que apresentava, e que representavam no género uma revolução do mesmo nível que a de **2001**, e fez dele, ao lado do filme de Kubrick, e de outros como **Le Voyage Dans la Lune/Viagem à Lua**, de Méliès, **Things To Come/A Vida Futura**, de Cameron Menzies ou **Forbidden Planet/Planeta Proibido**, de Fred Wilcox, momentos decisivos (cada um no seu tempo), da história do cinema de ficção científica. O mais importante contributo que **A New Hope** trouxe para o género foi o dos efeitos especiais, da autoria de John Dykstra, conseguidos com uma câmara por ele criada e que se chamou "dykstraflex", ligada a um computador. O passo seguinte, que a trilogia que completa a série usaria em profusão, seriam os efeitos digitais. Também nos efeitos sonoros (que muito justamente também receberam o Oscar), o filme representa um salto qualitativo significativo. Sugestivo também é a dupla de robots, que, para além de auxiliares indispensáveis dos heróis, representam também a faceta humorística, e nela se encontra uma série de referências cinéfilas, que vão do homem de lata do **Wizard of Oz/O Feiticeiro de Oz**, de Victor Fleming, para o robot C-3PO, ao Robbie de **Forbidden Planet**, para R2B2.

Mas não é só pelos robots que passa a influência cinéfila em **Star Wars: A New Hope**. Por ali passa a mitologia da cavalaria medieval, não só pelas referências a Robin Hood, mas inclusive a outros inspirados na lenda arturiana, popular na época com a memória do musical **Camelot**, que Joshua Logan levara ao ecrã (e a que John Boorman voltaria em 1981 com **Excalibur**), mitologia que nos poderia levar mais longe como possíveis influências dos Nibelungos (o que talvez explique, e "justifique", algumas evocações da estética nazi de alguns filmes alemães dos anos 30 como os de Leni Riefenstahl, acusação que me parece sobremaneira apressada e injustificada). O que por aqui passa é, antes de mais, um espírito juvenil de aventura, que reúne sinais tão visíveis como os da banda desenhada (e para este campo também a série **Star Wars** entraria), o cinema de acção que preenchia as sessões dos sábados à tarde da juventude, tudo envolvido numa frase de abertura, "A long time ago in a galaxy far, far away...", que ecoa a que ficou na memória das histórias infantis, "Era uma vez, numa terra distante..." E é apenas desta perspectiva que o filme (e a série) deve ser encarado.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico